

18. De dezembro. 1962 - 3ª Feira

Lá fora, a chuva caía.

Pela noite toda a chuva viera inclemente e impiedosa, rasgando os céus de Jacarezinho com o faiscar dos relâmpagos.

Dentro de sua casa, o moço estava pensativo.

E lá fora, a chuva continuava caindo...

De vez em quando, um trovão mais forte assustava-o e fazia com que ele se encolhesse mais ainda em seu leito.

A água vinha pesada sobre as ruas da cidade.

As vezes, passos apressados se faziam ouvir pela rua, na noite molhada que antecedeu a manhã cinzenta e nublada de hoje...

E enquanto a chuva caía lá fora, o moço continuava pensativo...

Sim, estamos em dezembro...

E ele sabia bem o que representava estar no mês de dezembro...

Até o diploma, um canudo simbólico, ele recebera havia poucos dias apenas, numa alegria mal contida...

Sim, como é que ele poderia adivinhar o que depois então viria a suceder?

E ele começou a se recordar, durante a noite toda em que a chuva caía sobre Jacarezinho, ele começou a recordar de outros dias, tão distantes e já perdidos na imensidão do tempo...

E ele lembrou então do primeiro dia que adentrou as portas da Escola.

Os professores sorriram à sua entrada e lhe cumprimentaram amavelmente...

Os colegas, alguns deles já eram conhecidos dos folgedos de rua e das conversas nos clubes de danças da cidade...

E o tempo foi passando sem que ele pudesse perceber e, um dia, quando ele menos esperava, tinha diante de si, um homem de ar sério, entregando-lhe um papel em forma de canudo e dando-lhe os parabéns...

E tudo lhe parecia tão esquisito, tão distante, que ele não podia compreender.

E a noite toda, enquanto a chuva lá fora caía, ele se revirara e revirava em seu leito, sem poder compreender...

Quem poderia ter feito aquilo? Quem poderia ter "roubado" os documentos da Escola de Comércio? Quem teria sido o causador do enorme prejuízo que ele estava arriscando de sofrer?

E ele não entendia, ele não podia compreender que um ato tão impensado e tão infantil pudesse lhe causar tanto prejuízo.

E, ao ouvir no quarto pegado ao seu e separado apenas por uma parede de madeira, ao ouvir a respiração de sua mãe, ele não se conteve, ele não pode mais segurar tudo o que sentia...

E no silêncio da noite, o pranto convulso de um menino pobre que estudara sacrificadamente durante três anos para concluir o seu curso de comércio e poder auxiliar com o trabalho à sua família, o pranto convulso ecoava tristemente com a chuva que caía lá fora, em soluços fortes e triste, ao lembrar que todo o seu esforço parecia ter sido inútil e que todo o tempo em que estudara, estava arriscado a perder pela ação infantil de umas crianças que sem medir as consequências de seu ato, punha por terra todos os sonhos que acalentara durante três longos anos, as suas noites de menino pobre...